Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca

BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

RIO DE JANEIRO, 9 DE DEZEMBRO DE 1958.

NO ATO DE PARANINFAR OS ALUNOS DOS CURSOS DE ANÁLISE ECONÔMICA DO CONSELHO NACIONAL DE ECONOMIA.

1204 Desejo inicialmente agradecer a honra que me concedestes, escolhendo-me vosso paraninfo. É com satisfação e entusiasmo que venho acompanhando a excelente contribuição que o Conselho Nacional de Economia tem trazido ao esclarecimento das nossas questões econômicas. Congratulo-me com êsse prestigioso órgão pelos serviços que vem prestando à nação, não só através de seus pronunciamentos, mas agora, de maneira especial, pelo impulso dado ao aperfeiçoamento de economistas, através do seu Curso de Análise Econômica. É que, entre as metas que fixei para o meu Govêrno, cuido, com especial carinho, da que

se refere ao preparo do pessoal técnico de que tanto carece o Brasil.

Se agora, neste fim de ano, com sacrifício de muitos 1205
afazeres, me dispus a comparecer pessoalmente às solenidades de formatura de várias instituições de ensino, é porque confiro alta prioridade à formação de pessoal técnico.

A crescente complexidade dos problemas econômi- 1206
cos brasileiros vem, cada vez mais, exigindo a participação de economistas, quer nas organizações privadas, quer nas de natureza governamental. Pode-se mesmo dizer que a escassez dêsses especialistas tem constituido uma das causas do nosso subdesenvolvimento, pois a colaboração que prestam é imprescindível aos trabalhos de análise econômica, em que se fundamentam tanto a formulação quanto a execução de qualquer programa de desenvolvimento ou expansão industrial.

No terreno da análise econômica, cabe aos eco- 1207
nomistas, nos países menos desenvolvidos, tarefa de vital importância. Só ela fornece os instrumentos básicos para a formulação de uma política econômica. Sem adequado fundamento teórico, não se podem estabelecer políticas eficazes. Ora, não seria exagêro afirmar que, no tocante aos países pouco desenvolvidos, essa base teórica apenas começa a elaborar-se. Resta muito que fazer, tanto no que diz respeito ao conhecimento dos fatos econômicos, quanto à sua correta interpretação teórica. Temos aqui, portanto, um campo vasto, ainda pouco explorado, a desafiar a vossa argúcia, os vossos esforços.

Em geral, a literatura sôbre economia se baseia 1208
na experiência dos países desenvolvidos, traduzida em ensinamentos teóricos que costumam ser influenciados pelos interêsses dominantes nesses países. Assim, não

se pode esperar que tais estudos indiquem soluções adequadas para os problemas dos povos menos prósperos.

1209 Cumpre que os nossos economistas evitem explicar aquêles problemas, sem antes submetê-los a uma crítica severa. E, o que é mais importante, cumpre-lhes, através da constante análise e interpretação imparcial dos nossos problemas, descobrir elementos que contribuam para o aperfeiçoamento da teoria econômica e sua maior generalização. Esta deve ser objetiva, deve ser a expansão da realidade econômica. Sempre que se distanciar dessa realidade — como ocorre, em vários de seus aspectos, com os fatos econômicos da América Latina — essa teoria deverá ser revista e aceita com as necessárias ressalvas.

1210 Não menos relevante é o papel do economista de países subdesenvolvidos, no terreno da política econômica. É fato comprovado que, por fôrça de circunstâncias históricas, países como o Brasil já não terão oportunidades para atingir um desenvolvimento econômico *rápido e espontâneo,* nos moldes do que ocorreu nos Estados Unidos. A aceleração do processo de crescimento, nas economias pouco desenvolvidas, requer a intervenção do Estado, através do estabelecimento de uma política de programação, com vistas a assegurar a mais eficaz utilização dos recursos disponíveis.

1211 A elaboração de um plano de desenvolvimento econômico é, no entanto, tarefa sobremodo complexa, que requer os serviços do economista profissional, em tôdas as suas fases.

1212 Dirigindo-me a economistas, não poderia deixar de reportar-me ao esfôrço que meu Govêrno vem realizando no tocante à programação econômica, com o objetivo de acelerar o desenvolvimento nacional.

Quando assumi o Govêrno, já não mais persis- 1213
tiam, no intercâmbio com o exterior, as condições extremamente favoráveis que asseguraram, no período de 1946-54, a elevada taxa de crescimento da produção real de 3,7 por cento *per capita* ao ano. Por outro lado, fatôres internos — tais como vários pontos de estrangulamento de economia, entre êles o inadequado suprimento da energia elétrica e as deficiências de transportes ferroviários e marítimos — vinham atuando negativamente sôbre o ritmo do nosso desenvolvimento. Tudo indicava que êsse tenderia a cair, o que, de fato, ocorreu em 1955 e 1956.

Atento a essas perspectivas, o Govêrno decidiu, 1214
para compensar os efeitos daqueles fatôres adversos, adotar a enérgica política de desenvolvimento que se acha consubstanciada no meu Programa de Metas. Nos três anos de vigência dêste, fizemos intensa programação setorial, elaboramos anteprojetos de leis, determinamos atos administrativos da mais alta relevância e baixamos normas de política econômica que facilitassem a concretização das realizações previstas.

A execução do Programa de Metas tem apresen- 1215
tado os mais satisfatórios resultados. Eliminam-se, pouco a pouco, os principais pontos de estrangulamento, sobretudo nos setores da energia e do transporte, ao mesmo tempo que se criavam atividades novas, da maior essencialidade para o desenvolvimento econômico. Um exemplo típico dessas últimas, é a indústria de veículos automotores, cuja expansão surpreendente nos leva a prever um acréscimo de 30 % na meta de produção fixada para 1960. Na maior parte das metas, no entanto, os investimentos realizados estão sujeitos a um ciclo de maturação relativamente longo, cujos frutos apenas começam a manifestar-se. É êste o caso da indústria siderúrgica e

hidrelétrica. É certo, porém, que as iniciativas em curso e as que estão sendo preparadas para breve execução — como a implantação da indústria de construção naval — deverão frutificar plenamente no período de 1960-65.

1216 Mas, é preciso não esquecer que o problema fundamental do Brasil e dos demais países insuficientemente desenvolvidos não consiste em apenas elevar o ritmo de crescimento. O que cumpre é estabelecer uma taxa mínima de crescimento, a ser observada em determinado período. Assim poderemos atingir um nível de renda *per capita* que permita o início de um processo cumulativo e autônomo de crescimento, com recursos do próprio país, e diminuir a distância que o separa das grandes potências econômicas, em têrmos de renda *per capita*.

1217 As nações da América Latina ainda não alcançaram êsse estágio.

1218 E a presente conjuntura econômica e institucional do mundo indica para a América Latina, no seu conjunto, perspectivas extremamente limitadas. Confrontadas com a propensão de crescimento das economias planificadas do bloco soviético, essas perspectivas podem transformar-se em grave ameaça à segurança do Ocidente.

1219 Para obviar a êsses riscos, como sabeis, propus recentemente, aos Governos dos Estados Unidos e dos países latino-americanos, uma nova doutrina de desenvolvimento econômico para a América Latina, com vistas a colimar o duplo objetivo a que já aludi. Essa doutrina, que teve a mais ampla aceitação e que hoje se conhece pelo nome de "Operação Pan-Americana", constitui, no momento, objeto de discussão do Comité dos 21, em Washington.

Com base em estimativas feitas pelos técnicos das Nações Unidas, estudos realizados no Itamarati indicam que a economia dos países latino-americanos, tomada em seu conjunto, adquirirá condições satisfatórias de autopropulsão quando atingir um nível de renda *per capita* de 480 dólares. Enquanto não alcançarem êste nível, êsses países continuarão a depender fortemente da assistência econômica externa, expostos aos riscos da estagnação e do pauperismo, agravados pelo vigoroso aumento da população. 1220

A efetivação da Operação Pan-Americana dependerá òbviamente de ampla cooperação econômica continental, sobretudo no terreno financeiro. Estou convencido de que não nos faltará essa cooperação. As nações mais adiantadas do Continente estão cônscias dos perigos que acarretará, para o mundo livre, a permanência, na América Latina, de um ambiente de insegurança e insatisfação, que só poderá sanar-se, se removidas forem as condições que retardam o nosso desenvolvimento. 1221

A cada um de vós, que, sendo economistas, tendes consciência nítida dêsse grave problema, cabe parcela de responsabilidade não pequena, no momento histórico em que vivemos. Cada um de vós deverá tornar-se um arauto e um soldado da nobre causa da redenção econômica dos povos que habitam êste Continente. 1222

Estou certo, senhores economistas, de que sabereis cumprir o vosso dever de bons brasileiros e bons sul-americanos, colocando a vossa inteligência, a vossa cultura e o vosso devotamento a serviço dessa alta missão. É chegada a vossa hora. Ponde-vos em campo. A nação tudo espera de vós. 1223